

**A PRAGMÁTICA EM SALA DE AULA NA PERSPECTIVA DE JAIR  
ANTÔNIO OLIVEIRA**

**THE PRAGMATICS IN CLASSROOM FROM THE PERSPECTIVE OF JAIR  
ANTÔNIO OLIVEIRA**

Gustavo Gomes de Menezes<sup>1</sup>  
UFT

Karoline Martins de Carvalho<sup>2</sup>  
UFT

Neila Nunes de Souza<sup>3</sup>  
UFT

**Resumo:** O propósito deste ensaio é analisar a aplicabilidade da pragmática no ensino de língua portuguesa tendo como referência uma perspectiva analítica de Jair Antônio Oliveira (2000), considerando a linguagem como fonte de entendimento de contextos sociais e comunicativos. É relevante estudar sobre a pragmática no campo educacional, uma vez que, essa base da linguagem no ensino permite uma avaliação das práticas linguísticas. Além disso, determinados comportamentos são adotados conforme os contextos comunicativos na sociedade, o que resulta no conhecimento interiorizado. Metodologicamente, optamos por realizar um levantamento bibliográfico com base em livros e artigos. Constatou-se nesse ensaio que a pragmática em sala de aula na perspectiva de Oliveira (2000) deve ser vista como ato político, isso é viável quando o docente reconfigura as relações que determinam o que é visível/invisível aos 'incontáveis' e altera o estatuto das palavras, assegurando um espaço de experiência litigiosa para si e seus interlocutores. Em outras palavras, a transformação educacional exige o reconhecimento e o enfrentamento das contradições e paradoxos presentes nas práticas escolares e na função do professor.

**Palavras-chave:** Educação; Ensino; Pragmatismo; Linguagem.

**Abstract:** The purpose of this essay is to analyze the applicability of pragmatics in Portuguese language teaching with reference to an analytical perspective of Jair Antônio Oliveira (2000), considering language as a source of understanding of social and communicative contexts. It is relevant to study pragmatics in the educational field, since this basis of language in teaching allows an evaluation of linguistic practices. In addition, certain behaviors are adopted according to the communicative contexts in society, which results in internalized knowledge. This scenario implies a (re)thinking of language as a political regiment. Methodologically, we chose to carry out a bibliographic survey based on books and articles. It was found in this essay that pragmatics in the classroom from the perspective of Oliveira (2000) should be seen as a political act, this is feasible when the teacher reconfigures the relations that determine what is visible/invisible to the 'uncountable' and changes the status of words, ensuring a space of litigious experience for himself and his interlocutors. In other words, educational transformation

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras, doutorando em Letras pela UFT. [gustavo.menezes@mauil.uft.edu.br](mailto:gustavo.menezes@mauil.uft.edu.br)

<sup>2</sup> Mestre em Letras, doutoranda em Letras pela UFT. [karoline.martins@mail.uft.edu.br](mailto:karoline.martins@mail.uft.edu.br)

<sup>3</sup> Doutora em Educação - Professora efetiva da Fundação Universidade Federal do Tocantins. [neilasouza@mail.uft.edu.br](mailto:neilasouza@mail.uft.edu.br)

requires the recognition and confrontation of the contradictions and paradoxes present in school practices and in the role of the teacher.

**Keywords:** Education; Teaching; Pragmatism; Language.

**Recebido em 20 de setembro de 2025**

**Aprovado em 18 de dezembro de 2025**

## **Introdução**

Para alcance do propósito deste ensaio, seguiremos a definição da pragmática conforme a sugestão de Jair Antônio de Oliveira (2000) que consiste no estudo do significado por meio do uso (referência à ação/comportamento) linguístico. Sob essa ótica, a pragmática é vista como uma análise da conexão entre a linguagem e a situação comunicativa em que ela é comumente utilizada.

Os falantes constantemente fazem seleções tanto linguísticas quanto não linguísticas, cujo significado dependerá do contexto em que essas escolhas são realizadas. A interação que ocorre durante o uso da linguagem requer que os participantes também prestem atenção à dimensão que vai além do que é dito verbalmente ou escrito, já que não é apenas o vocabulário que transmite informações, mas também o contexto e as crenças dos envolvidos na comunicação. Para tanto, durante um diálogo, os sentidos expressos podem ser passíveis de uma renegociação.

Se o sentido é o uso, como o sentido é atribuído nas experiências empíricas? Nesse panorama, como tais sentidos são transmitidos? O que torna legítimo os diferentes conhecimentos? Alguns desses questionamentos intriga estudiosos e nos interessa nesse ensaio. A depender das respostas a essas perguntas, os resultados das práticas pedagógicas podem ser diferentes. Nesse viés, é importante reconhecer e valorizar o papel constitutivo da linguagem e da práxis na construção do conhecimento. Examinar o universo dos falantes implica analisar as ações e discursos realizados em nome da "comunicação" e da "educação", o que requer a contribuição da pragmática (Oliveira, 2000).

A pragmática tem sido frequentemente subestimada e marginalizada na pesquisa linguística. Historicamente, questões que não encontravam solução nas teorias linguísticas tradicionais eram relegadas à pragmática, indicando que tais problemas não

eram vistos como legítimos desafios linguísticos, mas sim como problemas secundários. Contudo, nas últimas décadas, esses supostos problemas nunca se manifestaram conforme descrito por algumas abordagens teóricas, que postulavam uma linguagem idealizada, uniforme e previsível. Apesar do reconhecimento histórico dessa visão limitada, a pragmática ainda enfrenta desvalorização e não é amplamente aceita como um campo de estudo rigoroso (Oliveira, 2005).

Para os fins desse ensaio, apresentaremos algumas ideias relativas à pragmática em sala de aula inspirada em Jair Antônio Oliveira. A pragmática em sala de aula, segundo a perspectiva de Oliveira, envolve a análise do uso efetivo da linguagem pelos interlocutores no contexto educacional, focando na interação comunicativa entre professores e alunos. Seguindo esse panorama, é interessante compreender como os aspectos pragmáticos, tais como implicaturas, atos de fala e contexto situacional, influenciam a compreensão e a produção de enunciados. Essa abordagem ressalta a necessidade de promover um ambiente de aprendizagem que valorize não apenas a estrutura gramatical da língua, mas também as nuances e as funções comunicativas que emergem durante o processo educacional.

Jair Antônio Oliveira é graduado em Comunicação Social e Letras, é especialista em Filosofia da Educação e Linguística de Língua Portuguesa. É Mestre em Letras e Doutor em Ciências da Comunicação, além de Pós-Doutorado em Pragmática Linguística. É professor efetivo na Universidade Federal de Paraná e coordena o grupo de Pesquisa de Mídia, Linguagem e Educação da mesma instituição em que atua. Além dessas atividades profissionais, faz parte do grupo de pesquisa de Pragmática Linguística, sob coordenação de Kanavillil Rajagopalan, na Unicamp (Oliveira, 2008).

Conforme o exposto, é necessário discutir algumas noções centrais da pragmática que são igualmente importantes para a análise dos usos linguísticos presentes nos processos educacionais. Para isso, o delineamento planejado consiste em discorrer sobre a pragmática, educação, o uso da linguagem e suas implicações.

A partir desse contexto, a metodologia delineada no ensaio consiste na revisão sistemática de literatura, com busca de informações nos artigos discutidos em sala de aula, de acréscimo, fontes como revistas e livros foram também consultadas. O ensaio está delineado de acordo com os tópicos “Afinal, o que é pragmática? Implicações sobre os fundamentos da prática linguística” e “A pragmática em sala de aula”.

## **1. Afinal, o que é pragmática? Implicações sobre os fundamentos da prática linguística**

O surgimento da linguagem remete a Grécia antiga, posto dos filósofos. A língua era vista como uma expressão do pensamento humano. Com o passar do tempo, especialmente a partir do século XIX, começaram a surgir questionamentos sobre os elementos linguísticos, e, a partir daí, as pesquisas sobre a língua se expandiram. Esse desenvolvimento foi influenciado por trabalhos anteriores em filologia e gramática comparativa, que buscavam compreender as relações entre diferentes idiomas e suas estruturas.

Entretanto, antes de adentrarmos ao contexto pragmático, é crucial o entendimento sobre a evolução da disciplina e suas diversas abordagens. Por se tratar de um assunto extenso, nem todos os elementos históricos serão contemplados. Para isso, segue em anexo um percurso histórico dos principais autores da teoria pragmática na figura 01.

Figura 1: Alguns teóricos da pragmática no período clássico e contemporâneo



Fonte: Elaborado por Karoline Martins (2024) a partir de dados de Ibaños e Costa (2017).

A linguística moderna consolidou-se com a obra de Ferdinand de Saussure, um dos maiores estudiosos nessa área, que introduziu conceitos fundamentais, como o signo linguístico e a distinção entre língua e fala. Desde então, a linguística tem sido

disseminada, englobando diversas subdisciplinas, como fonética, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, cada uma dedicada a aspectos específicos do estudo das línguas (Ferreira, 2010).

Posto essa análise, o que segue para o propósito do ensaio é a perspectiva pragmática. Os estudos em pragmática têm avançado na atualidade, abordando diversos enfoques teóricos e interagindo com áreas como cognição, comunicação e gramática formal. A narrativa acerca da tentativa de definir a pragmática em uma única linha de conceito é perceptível em várias pesquisas no campo da pragmática no Brasil, isso se deve principalmente à indefinição do termo (Dascal, 1985). Dito isto, nas palavras do pragmaticista Rajagopalan (1996, p. 6), a pragmática pode ser vista “como um verdadeiro saco de gatos”. Nesse processo, a concepção de Rajagopalan (1999, p.333) é que “a indefinição quanto às suas linhas de fronteira não pode ser atribuída à falta de consolidação da área nos meios acadêmicos. Ao que parece, a indefinição é algo típico da própria natureza dessa subárea da linguística”.

De maneira sucinta, abordaremos alguns teóricos que contribuíram/contribuem para o entendimento do contexto da pragmática.

Pierce (1992), filósofo e cientista, enfatiza que o significado de um signo não se restringe a uma ideia teórica, mas está profundamente conectado às suas consequências e impactos reais. Em termos simples, para compreender o que um signo realmente representa, é necessário analisar como ele afeta nossas ações e percepções no mundo real. Pierce classifica os signos em diferentes categorias, dependendo da relação entre o signo e seu objeto, e sugere que o verdadeiro significado de qualquer conceito está ligado às suas implicações práticas e aos padrões de pensamento que ele desencadeia.

Charles Morris (1946) discorre sobre o papel dos signos em contextos práticos e sociais. Segundo ele, a compreensão do significado de um signo deve considerar seu emprego e efeito na comunicação e nas interações sociais. Morris segmenta o estudo dos signos em três áreas principais: semântica, que investiga a relação entre signos e seus objetos; sintática, que examina a estrutura e as normas dos signos; e pragmática, que foca na aplicação e interpretação dos signos em cenários reais.

Rudolf Carnap (1942) defende que o sentido dos conceitos e declarações deve ser entendido a partir de suas aplicações práticas e de como são empregados em um sistema formal. Assim, a precisão e a eficácia das expressões são julgadas pela sua habilidade de funcionar de maneira eficaz dentro de um esquema lógico.

Paul Grice (1957) introduziu o conceito de implicaturas para explicar como os falantes comunicam mais do que o que é explicitamente dito. Grice propôs que a comunicação é governada pelo princípio de cooperação, onde os interlocutores seguem quatro máximas:

- Máxima de Quantidade: Fornecer a quantidade certa de informação.
- Máxima de Qualidade: Ser verdadeiro, não fornecer informações falsas ou infundadas.
- Máxima de Relevância: Ser relevante no contexto da conversa.
- Máxima de Maneira: Ser claro e ordenado, evitando ambiguidades.

As implicaturas surgem quando uma dessas máximas é violada de forma aparente, levando o ouvinte a inferir um significado adicional.

As variações a respeito da pragmática dependem muito do caminho e direção em que deseja-se prosseguir, entretanto, expomos os autores com relevância mais atenuada para a investigação, a intenção consiste em não relativizar todos os sentidos da pragmática.

Do ponto de vista da pragmática, a importância da pragmática na linguística foi reconhecida no início das pesquisas sobre atos de fala, especificamente com a publicação de "*How to do Things With Words*" pelo britânico John Langshaw Austin, em 1962.

Uma das teorias que acompanha a pragmática e que é de suma importância para o estudo da linguagem refere-se aos atos de fala, proposta essa idealizada por John Langshaw Austin (1911-1962). Austin atuou como docente na White Filosofia Moral na Universidade de Oxford, fez diversas contribuições para o campo filosófico, a linguagem e o seu uso em atos de fala. Austin oferece uma justificativa distinta para explicar por que as sentenças, considerando seus significados, não se alinham com os fatos para estabelecer valores de verdade. A segunda justificativa se fundamenta no ponto de que qualquer sentença pode ser utilizada para executar uma variedade de atos de fala. Embora, ao fazer uma afirmação, geralmente criamos declarações que podem ser avaliadas como verdadeiras ou falsas, na realização de outros atos de fala (Longworth, 2023). Austin objetivou explicar a constituição da linguagem humana, em

suas várias pesquisas, percebeu que a linguagem permite a ação sobre o uso da palavra e do mundo.

Austin realiza um delineamento acerca da diferenciação entre as categorias de atos de fala e este é composto por três fases: atos *locucionários* que é responsável pela produção de sons concernentes léxico, assim como a conexão entre a estrutura sintática e o significado. O exemplo consta na frase:

B: *Z* volte mais tarde para tomar um sorvete.

Literalmente, a frase está instruindo a pessoa referida como "*Z*" a retornar em algum momento posterior com o propósito de consumir um sorvete.

E o ato *ilocucionários* se refere a ação por meio de um enunciado. Expressamos o exemplo na frase com base em Oliveira (2002):

*Contextualizando: A e B* são funcionários de *C*.

*C* está viajando e telefona para *A* avisando o seu retorno em outra data:

*C*: Marta!

*A*: Sim!...Ah, Dr. Carlos...

*C*: Olha, não vou ficar até domingo e volto amanhã. Mande alguém às 9 horas ao aeroporto.

*A*: Está bem.

Logo depois, *A* fala para *B*:

*A*(1): O Dr. Carlos volta amanhã.

*B*: O Dr. Carlos volta amanhã?

*A* (2): Sim, volta amanhã

Neste diálogo, há várias intenções comunicativas e impactos distintos. Um único comentário, como "Dr. Carlos retorna no dia seguinte", exemplifica essa diversidade. Há uma pronúncia sobre o retorno de alguém no dia seguinte. O enunciado "volta amanhã" é um ato de intenção específica. A intenção aqui é expressar sobre o futuro, ou seja, o retorno.

Já o ato *perlocucionário* diz respeito a produção de efeito sobre interlocutor. Nesse enredo, os atos de fala são caracterizados como um conjunto de enunciados linguísticos que integram o desenvolvimento da interação humana. A importância da fala no dia a dia e o conceito de que "falar é agir" induzem a outros tópicos da pragmática, especialmente a teoria da polidez (Penelope Brown e Stephen Levinson,

1987). Na teoria da polidez, os usos da linguagem, adotados para preservar/atacar a imagem de si mesmo/e dos outros são examinados de forma sistemática.

Sob o ponto de vista pragmático, abordar a comunicação envolve discutir o “propósito” (interpretação). A origem desse propósito reside na aplicação prática da comunicação. A concepção de linguagem como atividade, onde os termos funcionam como instrumentos nas mãos de um indivíduo para alcançar objetivos, possibilita vinculá-la a convicções, que são diretrizes para ações, um meio para interagir com o mundo (Oliveira, 2005).

Austin se propôs a entender a linguagem por duas razões, a primeira é que a utilização da língua centraliza a atividade humana e o segundo motivo é que o estudo da linguagem é auxiliar. A partir dessa análise, infere-se que a língua é um elemento central de identidade cultural e social. As principais vertentes da língua são a identidade nacional e regional, diversidade linguística, línguas minoritárias e respeito à diversidade linguística. Em um contexto multicultural, a língua se dá por meio das expressões e ao mesmo tempo é capaz de comunicar-se com outras crenças, religiões e culturas. Na pluralidade sociolinguística, a língua é heterogênea, se (des)constrói e reconstrói. Nesses termos, a língua é a representação dos enunciados signatários produzidos por todas as pessoas que pertencem a uma determinada comunidade.

A língua está vinculada diretamente aos aspectos culturais e sociais de uma comunidade. Desse modo, a língua é uma construção social, moldada e compartilhada por grupos de pessoas que a utilizam para realizar a comunicação, não sendo a língua um fenômeno individual, mas coletivo que está fortemente caracterizada por aspectos culturais e pelo comportamento social (parte integral das interações social). A língua também é um elemento constituinte da expressão cultural da nação, um bem imaterial, e quando mencionamos bem imaterial a referência é que ela não é tangível, podendo influenciar limites geográficos e sociais (Rajagopalan, 1999).

Uma das principais controvérsias da pragmática é o estabelecimento da fronteira entre seu contexto e a semântica. A semântica inclui diversos conceitos teóricos que formam um sistema linguístico, permitindo compreender como essa área funciona e como a linguagem é utilizada. Em um sentido mais amplo, a semântica, assim como outras disciplinas, pode ser abordada de forma teórica, histórica, descritiva, comparativa, argumentativa, lexical e referencial (formal). Sob a ótica linguística, o campo da semântica é complexo, pois existe a amplitude e a extensa gama de

inter-relações e interdependências que atravessam diversas áreas do conhecimento. Portanto, a semântica estuda o significado e a pragmática estuda o significado por meio do uso linguístico.

Conforme sugere Jacob Mey (2001), a pragmática não deve ser simplesmente considerada como um componente extra de análise ao lado da sintaxe e da semântica, como proposto por Morris (1938). Mey argumenta que a pragmática deve ser entendida como uma abordagem integrada e essencial na compreensão da linguagem, destacando como os contextos e as situações influenciam a produção e interpretação dos enunciados. Assim, a pragmática não é meramente uma adição, mas uma perspectiva crucial que abrange e interage com outros aspectos linguísticos para uma análise completa e aprofundada do uso da linguagem.

A linguagem abrange um processo produtivo de natureza social e interativa, atuando como um elemento de conexão entre o indivíduo e o mundo externo. A linguagem é a representação de fatos e significados, atua como um vínculo que estabelece a conexão entre membros de uma determinada sociedade, impactando diretamente a forma como as pessoas se percebem e interagem com o ambiente. A formação da linguagem como identidade cultural envolve a comunicação e a expressão, funcionando como a principal ferramenta de troca entre os indivíduos de uma cultura específica, permitindo o compartilhamento de experiências pessoais, emoções, narrativas e pensamentos.

Instaurada na dimensão sociosemiótica da linguagem, a perspectiva pragmática reflete a dinâmica do comportamento comunicativo social dos seres humanos, isto é: uma perspectiva dos vários eventos interativos em que os indivíduos se envolvem socialmente para evitar o “não ser reconhecido”. Os usos da linguagem envolvem tipos de conhecimento que vão além das regras de sintaxe e semântica e não requerem apenas habilidades verbais, mas o domínio de uma ampla variedade de capacidades sociocognitivas (Oliveira, 2008, p.80).

Oliveira (2008) observa que o uso da linguagem deve ser considerado um comportamento social e cultural, entretanto, é um comportamento intencional. Ao criar um texto falado, escrito ou gestual, utilizamos a linguagem com o propósito de gerar impacto nos nossos interlocutores, modificar situações concretas ou transformar os próprios estados mentais. Esse processo é um ato deliberado e político, interpretado aqui como uma manifestação individual dentro da interação semiótica social, com o objetivo de alterar estados do indivíduo ou do mundo ao seu redor.

Cada uma dessas teorias oferece uma lente única para examinar a pragmática. Enquanto Austin e Searle focam nas funções dos atos de fala, Grice ilumina a inferência e o significado implícito. Sperber e Wilson, por sua vez, enfatizam a eficiência cognitiva na comunicação, e Brown e Levinson exploram as dinâmicas sociais da interação verbal. Compreender essas perspectivas permite uma apreciação mais completa de como a pragmática funciona na prática.

Com base nas explicações de Jair Antônio Oliveira, apresentaremos uma narrativa jornalística em Vale do Paraíba, com reportagem disponível no G1.

Figura 2: Narrativa jornalística

The image shows a screenshot of a news article from G1. The browser address bar shows the URL: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2024/01/26/agredido-com-cotovelada-apos-pm-achar-que-ele-furou-furou-fila-de-padaria-tem-dificuldade-para-falar-muito-em-choque.ghtml>. The article title is "Agressão em padaria". The text describes an incident in a bakery where a man was hit with a cotovelada (elbow) by a police officer. The man, Kelvyn Aleksander Barbosa Nunes, was injured and hospitalized. The article mentions that the police officer was irritated because he found the man cutting in line. The article is from Rede Vanguarda.

**Fonte:** <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2024/01/26/agredido-com-cotovelada-apos-pm-achar-que-ele-furou-furou-fila-de-padaria-tem-dificuldade-para-falar-muito-em-choque.ghtml>.

E a história<sup>4</sup> continua:

“De acordo com a irmã de Kelvyn, Nayane Cristina Barbosa Nunes, o homem não estava na padaria para fazer um pedido e, por isso, não furou a fila em que estava o policial. Ela explica que ele foi ao estabelecimento apenas para entregar roupas que não serviam mais para a filha a uma funcionária que espera uma neta”.

Evidentemente, a reportagem expressa o uso da linguagem no contexto da pragmática. Nesse sentido, a pragmática ajuda a entender não apenas o que está sendo

4

<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2024/01/26/agredido-com-cotovelada-apos-pm-achar-que-ele-furou-furou-fila-de-padaria-tem-dificuldade-para-falar-muito-em-choque.ghtml>.

dito, mas como e por que está sendo dito, considerando as circunstâncias, intenções e possíveis interpretações dos envolvidos. A descrição do incidente na padaria, incluindo a presença de câmeras de segurança e o ambiente familiar, estabelece uma relação de ligação onde a agressão de um policial a um civil é percebida como um comportamento inesperado e perturbador.

O policial fez a escolha de não manter comunicação verbal em primeira instância (o ato de perguntar), logo, tomou por ação a violência física. O cenário demonstra que o policial teve uma interpretação da situação subjetiva e, por consequência, sua reação foi desproporcional. Nesse caso, não houve interação entre os usuários e os sentidos não foram negociados. Para negociação, apoiamos na ideia de Jair Antônio Oliveira (2005, p.4) em que o entendimento de negociação tem a ver “a possibilidade que os indivíduos possuem de se adequar/ transgredir as condições de uso vigentes nas diversas situações a que estão expostos e a um ajuste/violação aos interesses e valores em pauta para a obtenção do efeito intencionado”. Como parte da pragmática, os usuários tendem a criar contextos, tais comportamentos individuais são oriundos de experiências/vivências pré-sociais.

Ao integrar esses conceitos e teorias, podemos observar como a pragmática se aplica a diversas situações de comunicação, especialmente no ambiente educacional, onde a eficácia da comunicação entre professores e alunos é crucial para o aprendizado. A seguir, exploraremos mais detalhadamente como esses princípios pragmáticos podem ser implementados em sala de aula para aprimorar a interação pedagógica, considerando a perspectiva analítica de Jair Antônio Oliveira.

## **2. O contexto da pragmática em sala de aula**

*A comunicação e a educação constituem uma espécie de cooperação entre agentes sociais, a ideia de “operar juntos” deve ser vista como uma complexa ação de intermediação de fatos e valores. Nesses processos, falante e ouvinte (comunicador/audiência, educador/ aluno) devem considerar seus atos de fala como atos pragmáticos, ou seja, os atos de fala (Oliveira, 2002, p.12).*

Partimos do ponto de vista de Oliveira (2002) em que a interação entre comunicação e educação representa uma colaboração entre indivíduos sociais, onde

"trabalhar em conjunto" deve ser compreendido como uma atividade complexa de mediação de eventos e valores. A compreensão e prática desses atos transcendem a mera troca de informações, estendendo-se à interação e construção compartilhada de significados. Portanto, a ideia de que compreender e ensinar são processos interligados que promovem uma consciência crítica é crucial para uma participação ativa e transformadora na comunidade.

Sob um ponto de vista ampliado, Rajagopalan (1999) (re)afirma que a incerteza sobre a definição da pragmática como uma disciplina independente nas universidades brasileiras é apenas um reflexo de uma tendência que já é bem estabelecida na Europa e nos Estados Unidos. Essa tendência consiste em minimizar a importância da pragmática ou tratá-la como um subcampo da semântica.

Oliveira (2005, p.03) ressalta que a pragmática deve ser encarada como uma “perspectiva do uso geral da linguagem na comunicação”. Para além dessa defesa, a pragmática precisa remeter ao modo de percepção dos sentidos. A pragmática interacional foca na complexidade dos diversos modos de usar a linguagem corporal, visual e auditiva em interações comunicativas em diferentes contextos culturais.

Em suma:

A pragmática está instaurada na dimensão sociosemiótica da linguagem e reflete a dinâmica do comportamento comunicativo social dos seres humanos, isto é: uma perspectiva dos vários eventos interativos em que os indivíduos se envolvem socialmente para evitar o “não-ser reconhecido”. Esses usos da linguagem envolvem tipos de conhecimento que vão além das regras de sintaxe e semântica e não requerem apenas habilidades verbais, mas o domínio de uma variedade de capacidades sociocognitivas. O usuário da linguagem deve colocar ênfase naqueles fatores que, mesmo não estando explicitamente manifestos nos textos e discursos, ainda assim, determinam a forma desses discursos e textos através de possibilidades difíceis de verificar num primeiro momento (Oliveira, 2005, p.03).

Desse modo, voltamos à discussão sobre o uso da linguagem ser composto por comportamentos sociais e culturais, com a ressalva de que tudo depende da intencionalidade.

Nessa abordagem, a voz do sujeito é reconhecida por intervenção interativa intertextual, em outras palavras, a pessoa precisa lutar para conquistar seu lugar de fala, já que esse espaço nunca é dado de graça. Se uma voz não é ouvida dentro da linguagem, ela acaba sendo silenciada e, no final não chega a ser reconhecida (Coracini, 1991).

Oliveira (2005, p.08) nos faz refletir sobre a pragmática em sala de aula como ato político, mas, isso só é possível “quando o professor reconfigurar as relações que determinam o que é visível/invisível aos “incontáveis” e alterar o estatuto das palavras, garantindo um espaço de experiência litigiosa para si e seus interlocutores”. Ou seja, a transformação educacional requer um reconhecimento e um enfrentamento das contradições e paradoxos presentes nas práticas escolares e no papel do professor.

O fato é que os docentes têm uma compreensão nítida sobre o que está além e possuem o conhecimento técnico-científico necessário para atuar. Contudo, mesmo assim, não estão conseguindo transformar a realidade. Nota-se a relevância do educador em expandir seu conhecimento, pois somente uma base teórica sólida permitirá a seleção de técnicas mais eficientes. A ausência desse saber inevitavelmente conduz o educador à repetição dos métodos convencionais, frequentemente desconsiderando suas deficiências, resultando em um ensino rígido da gramática.

Neste paradigma, Oliveira (2005, p.09) diz:

Quanto ao conhecimento técnico que os professores têm, deve sustentar-se em uma teoria abrangente e rigorosa que possibilite ao educador, o sujeito da práxis, fazer as escolhas mais bem fundamentadas em sala de aula e rejeitar as explicações unilaterais e simplistas. Isto significa um recurso de contextualização e nunca a ampliação quantitativa de informações recolhidas ou um acréscimo de erudição, critérios que têm sido colocados de forma sutil como correlatos de ação transformadora.

Em complemento ao pensamento expresso, Maria José Rodrigues Faria Coracini (1991) aborda que em relação ao tratamento do texto científico no ambiente escolar, é função da prática educativa proporcionar condições para que o estudante não realize uma leitura ingênua desse tipo de texto. Ou seja, que não seja influenciado pelas estratégias manipuladoras da linguagem, que dão ao texto uma aparência de objetividade e imparcialidade, servindo a uma visão igualmente objetiva. O aluno deve ser capaz de identificar a subjetividade subjacente, que permeia todo recurso de expressão linguística.

Alguns docentes não conseguem perceber que suas motivações são apenas resultado de tradições e educação recebidas, agindo assim sem intenção consciente ao adotar um pensamento ideologicamente distorcido. A pragmática não é a solução definitiva, mas a pessoa, ao refletir ou questionar através da linguagem, será capaz de reconhecer sua própria historicidade e identificar seus próprios erros.

De acordo com Pratt e Nesdale (1984), a consciência pragmática trata-se da compreensão ou do entendimento que um indivíduo possui sobre as interações dentro do sistema de linguagem em si (como a relação entre frases distintas), assim como sobre as conexões entre o sistema linguístico e o ambiente no qual a língua é utilizada.

Compreender as várias formas de ensinar e aprender a língua portuguesa na sala de aula não deve ser um elemento limitado às questões de gramática, mas envolve, primordialmente, as várias maneiras de lidar com a linguagem. É essencial adequar o ensino ao contexto escolar, onde estão inseridas pessoas com culturas, valores e crenças diversas. Dessa forma, o ensino eficaz da língua portuguesa deve considerar a diversidade cultural e as práticas linguísticas contextuais, garantindo que todos os alunos possam se envolver e aprender de maneira significativa.

Pontua Oliveira (2005, p.07) que:

O sujeito político da pragmática questiona os procedimentos metodológicos que usam a escrita (enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos) sem considerar as possibilidades transformativas presentes no uso da linguagem, isto é: mais do que investir na obediência a um script para a interação ou adequação discursiva do sujeito nas várias situações sócio discursivas – o que significa a adoção de regras ritualísticas formais e um condicionamento a uma taxonomia de atos de fala aptos para esta ou aquela ocasião (x então y), torna-se imperioso gerar um saber constituinte que permita aos “incontáveis” usar a linguagem a fim de alterar a situação em que eles próprios se encontram. O que se observa é que os indivíduos aprendem na escola a realizar as escolhas linguísticas de acordo com as situações sociais e discursivas, mas continuam sem saber o real motivo porque o fazem.

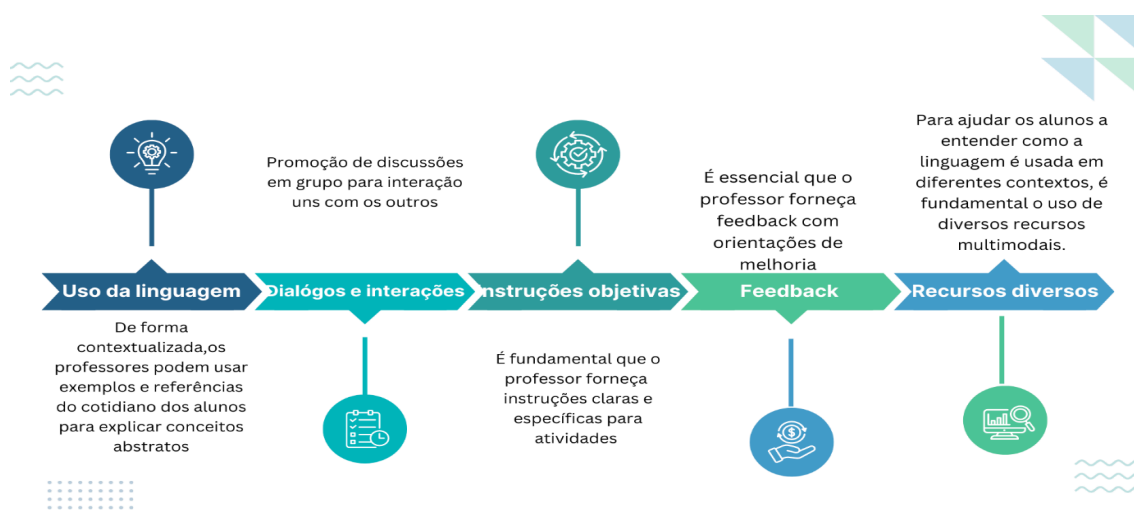
A proposta de Oliveira ressalta a necessidade de um enfoque mais dinâmico e reflexivo, onde os alunos não apenas seguem protocolos linguísticos, mas compreendem e utilizam a linguagem para influenciar e transformar seu contexto social. Isso implica que a prática pedagógica deve incorporar a análise crítica e a adaptação das práticas linguísticas às diversas realidades dos estudantes.

Consiste em uma tarefa difícil atender a essas demandas de realidade social, mas o professor em sala de aula precisa direcionar sua atenção para os diferentes ângulos existentes do seu público. Nesse panorama, enfatizamos alguns exemplos que podem ser empregadas em sala de aula conforme as instruções de Oliveira (2005).

A adoção de estratégias pedagógicas que valorizem a diversidade linguística e cultural dos alunos é essencial para promover uma aprendizagem significativa. Oliveira (2005) sugere a utilização de atividades que integrem situações reais do cotidiano dos estudantes, como debates sobre temas sociais relevantes, produção de textos

argumentativos que reflitam suas perspectivas e análise crítica de discursos presentes na mídia. Essas práticas possibilitam que os alunos se tornem protagonistas no processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo não apenas competências linguísticas, mas também a capacidade de interpretar e transformar a realidade em que estão inseridos. Desse modo, apresenta-se na figura 3 algumas ideias que auxiliam no ensino pragmático.

Figura 3: Ideias para extensão do ensino pragmático em sala de aula



Fonte: Elaborado por Karoline Martins (2024).

Tais ideias coadunam com a proposta no ensino de língua portuguesa que é de preparar o aluno para a ação linguística em situações sociais, utilizar a fala e a escrita conforme as normas do contexto e a situação de comunicação em que o sujeito se encontra. Esse método demanda do educador uma prática discursiva que transcenda a gramática e o significado, direcionando-se para a pragmática, onde a linguagem possui um caráter político. Posto isso, Oliveira (2005, p.08) afirma que “pragmática não é a tábua de salvação, mas o indivíduo, ao refletir/questionar em/na linguagem será capaz de reconhecer a sua própria historicidade e reconhecer os seus próprios desvios”.

Além disso, Oliveira (2002) ressalta a importância de os professores desenvolverem uma consciência crítica sobre a linguagem e suas implicações políticas. A pragmática, segundo ele, não é apenas uma ferramenta para a comunicação eficaz, mas também um meio de empoderamento social. Ao reconfigurar as relações de poder e

visibilidade na sala de aula, o professor cria um espaço onde os alunos podem questionar e alterar suas realidades. Essa abordagem desafia os métodos tradicionais de ensino que muitas vezes se limitam à reprodução de normas e atos de fala predefinidos, propondo, em vez disso, um ensino que valorize a diversidade e a capacidade dos alunos de usar a linguagem para influenciar e transformar seu entorno.

### **Considerações Finais**

O ensaio teve como objetivo geral analisar a aplicabilidade da pragmática no ensino de língua portuguesa tendo como referência uma perspectiva analítica de Jair Antônio Oliveira, considerando a linguagem como fonte de entendimento de contextos sociais e comunicativos. Conforme delineado na discussão, a pragmática emerge como uma perspectiva fundamental para a compreensão da comunicação humana. O estudo da pragmática abarca a análise da linguagem em uso e seu impacto em situações concretas, enfatizando a importância do contexto, das intenções comunicativas e das interações sociais. Este campo de estudo tem se consolidado como essencial para compreender como a linguagem é empregada para realizar ações, transmitir significados e negociar sentidos, além de expandir a visão sobre as práticas pedagógicas e sociais.

A pragmática, conforme abordada por Jair Antônio Oliveira e outros teóricos, oferece uma perspectiva crítica para a análise da comunicação, destacando como a interpretação dos enunciados vai além das regras gramaticais e semânticas. Ao invés de ser uma mera adição às análises linguísticas tradicionais, a pragmática deve ser entendida como uma abordagem integrada, essencial para uma compreensão abrangente da comunicação. Este enfoque permite uma apreciação mais rica da forma como os signos e enunciados são utilizados e interpretados em contextos específicos, seja na educação, nas interações sociais ou na mídia.

No contexto educacional, a aplicação dos princípios pragmáticos é vital para melhorar a eficácia da comunicação entre professores e alunos. A capacidade de reconhecer e valorizar as nuances da linguagem, as implicaturas e os atos de fala podem

transformar a prática pedagógica, promovendo um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e consciente das interações sociais e culturais.

## Referências

- BROWN, P; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CARNAP, R. **Logical Foundations of the Unity of Science**. Chicago: University of Chicago Press, 1938.
- CARNAP, R. **Introduction to Semantics**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1942.
- CORACINI, M. J. R. F. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência** / Maria José Rodrigues Faria Coracini. - 1. ed. - São Paulo: Educ; Campinas, SP: Pontes, 1991. 216 p.
- DASCAL, M. 2011. **Pragmática e Filosofia da Mente I: o pensamento na linguagem**. Curitiba: Editora da UFPR (tradução por Rodrigo de Borges Fáveri de Pragmatics and Philosophy of Mind, Amsterdam: John Benjamins, 1985).
- FERREIRA, D. M. M. Exclusão do saber: do pesquisador ao conhecimento. **Revista Intercâmbio**, v. XvII, 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- GRICE, Paulo. Significado. **A Revista Filosófica**, v. 66, 1957. (Reimpresso em: Grice, P. Estudos nos caminhos de Palavras. Cambridge, Massachussets.: Harvard University Press, 1989. p.213-223).
- LONGWORTH, Guy. John Langshaw Austin. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Edição de Verão de 2023), Edward N. Zalta e Uri Nodelman (orgs.). Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/sum2023/entries/austin-jl/>. Acesso em: 14 jul. 2024.
- MEY, Jacob L. **Pragmatics: An Introduction**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2001.
- MORRIS, C. **Foundations of the Theory of Signs**. International Encyclopedia of Unified Science. Chicago: University of Chicago Press, 1938
- OLIVEIRA, J. A. **A pragmática em sala de aula**. 2005. Disponível em: <https://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=772>. Acesso em: 01 jul. 2024.
- OLIVEIRA, J.A. **Comunicação e educação: uma perspectiva Pragmática**. Editora Prottexto, Curitiba, 2002. ISBN 85- 89026-02-7. Edição:1.000 exemplares – esgotado).

OLIVEIRA, J. A de. O contexto da pragmática. **UniLetras**. Dezembro de 2000.

OLIVEIRA, J. A de. Os sentidos da linguagem. **Organicom**, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 9, p. 77–89, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138985>. Acesso em: 13 jul. 2024.

PEIRCE, Carlos Sanders. **O Peirce Essencial**: Escritos Filosóficos Seleccionados, Vol.1: 1867-1893. HOUSER, Natã; KLOESEL, Christian (Editores). Bloomington, IN: Editora da Universidade de Indiana, 1992.

PRATT, C.; NESDALE, A.R. **Pragmatic Awareness in Children**. In: TUNMER, W.E; PRATT, C.; HERRIMAN, M.L. *Metalinguistic Awareness in Children: Theory, Research, and Implications*. Berlin: Springer-Verlag, 1984.p.105-126.

RAJAGOPALAN, K. Pragmática: uma vista aérea. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. 1996, 30: 5-7.

RAJAGOPALAN, K. Os caminhos da pragmática no Brasil. **Delta.**, Vol. 15, N.º Especial, 1999 (323-338). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/SQzNNhkbsGPsMKRQdH5J7pK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SILVA JÚNIOR, P. A. **Pragmática**: análise dos atos de fala. In: CARVALHO, C. I. C., and BARBOSA, J. R. A., ed. *Teorias linguísticas: orientações para a pesquisa* [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2021, pp. 101-124. ISBN: 978-65-87108-25-4. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/vncgt/pdf/carvalho-9786587108629-06.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2024.